

a espada do leopardo  
império — livro quatro  
anthony riches

Tradução de Jorge Colaço



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*Para Robin*

## AGRADECIMENTOS

A ESCRITA DE *A ESPADA DO LEOPARDO* REVELOU-SE, A DADA ALTURA, um enorme desafio, com o livro meio escrito, mas recusando-se teimosamente a progredir para além de um nó na intriga, do qual eu não conseguia ver-me livre. No ponto mais baixo desta situação de progressivo pânico, um velho amigo, ouvindo as minhas dificuldades na linha lateral de um campo de rãguebi, uma quinta-feira à noite, pronunciou as palavras que iriam dar um novo vigor à minha vida de escritor: «Vem escrever para o meu escritório.» Foi o que fiz. Sem Internet (coisa exigente, sem nada a que me encostar em infinita evasão), apenas umas chávenas de chá e alguma conversa ocasional, isso e umas impressionantes oitocentas ou novecentas palavras por hora. Foi como passar de uma vez só do mecanismo mais obsoleto a uma super banda larga. Aprendida a lição, agora arrendo um antigo galinheiro remodelado numa quinta da região — também sem Internet — e quando não estou «realmente» a trabalhar, desloco-me aqueles poucos quilómetros para escrever numa abençoada tranquilidade e sem qualquer oportunidade de fazer outra coisa senão escrever. Então, desta vez, o meu maior agradecimento vai para ti, Eddie Hickey. Esperemos que este meu recém-descoberto regime me ajude a produzir dois livros por ano com total serenidade.

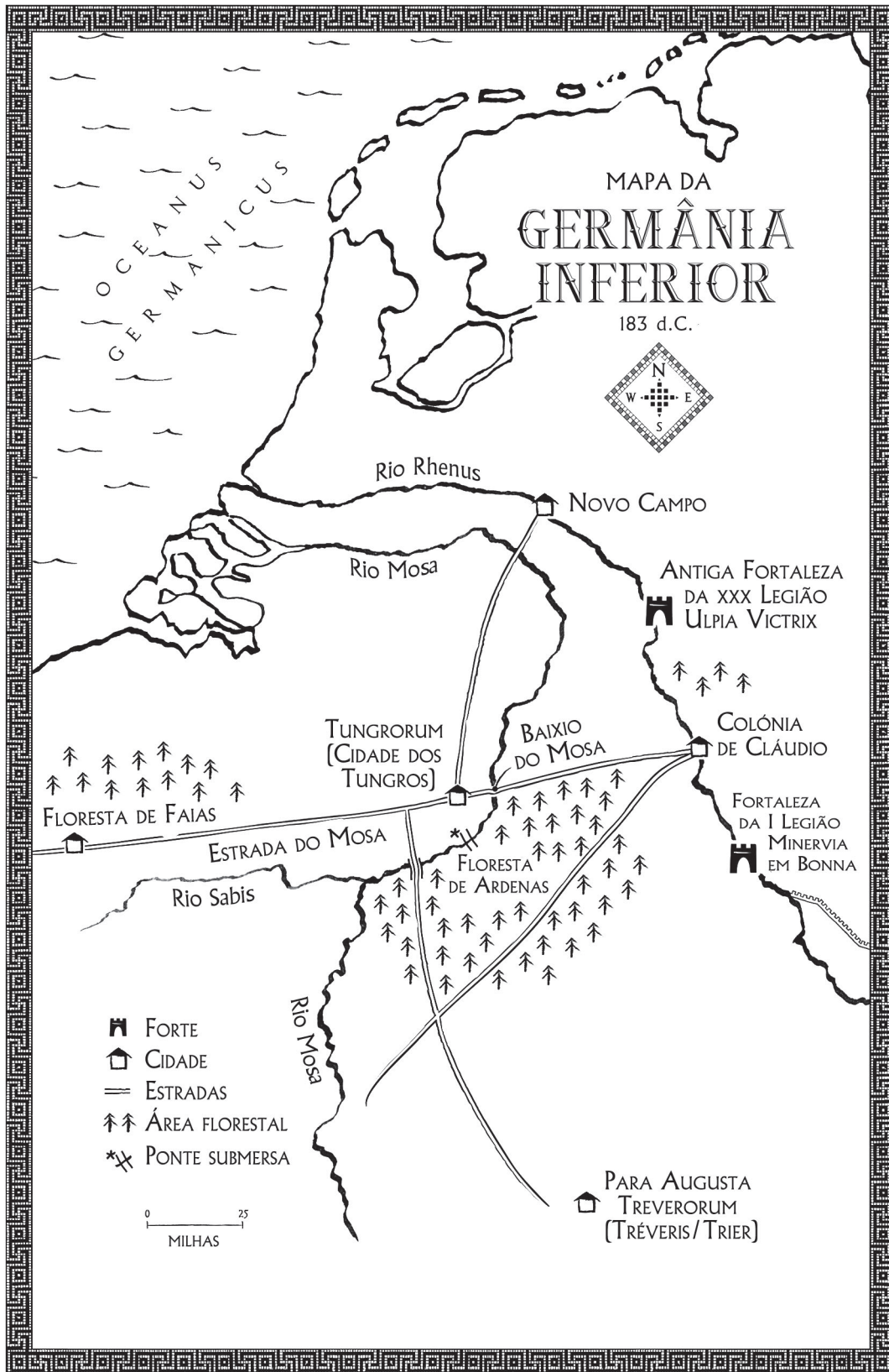
Para além disto, tenho de distribuir os meus habituais, mas sinceros, agradecimentos. À Helen pelo encorajamento e por, de vez em quando, me apontar resolutamente uma direção (e tolerar os últimos retoques dados no texto, no Sul de França); aos miúdos por aturarem tudo isto; e, quando a pressão apertou um pouco, aos cães por proporcionarem a perspetiva alternativa de vidas limitadas pela necessidade de ser passeadas e alimentadas. Robin, a minha agente, foi a pessoa civilizada e cortês de sempre, e Carolyn,

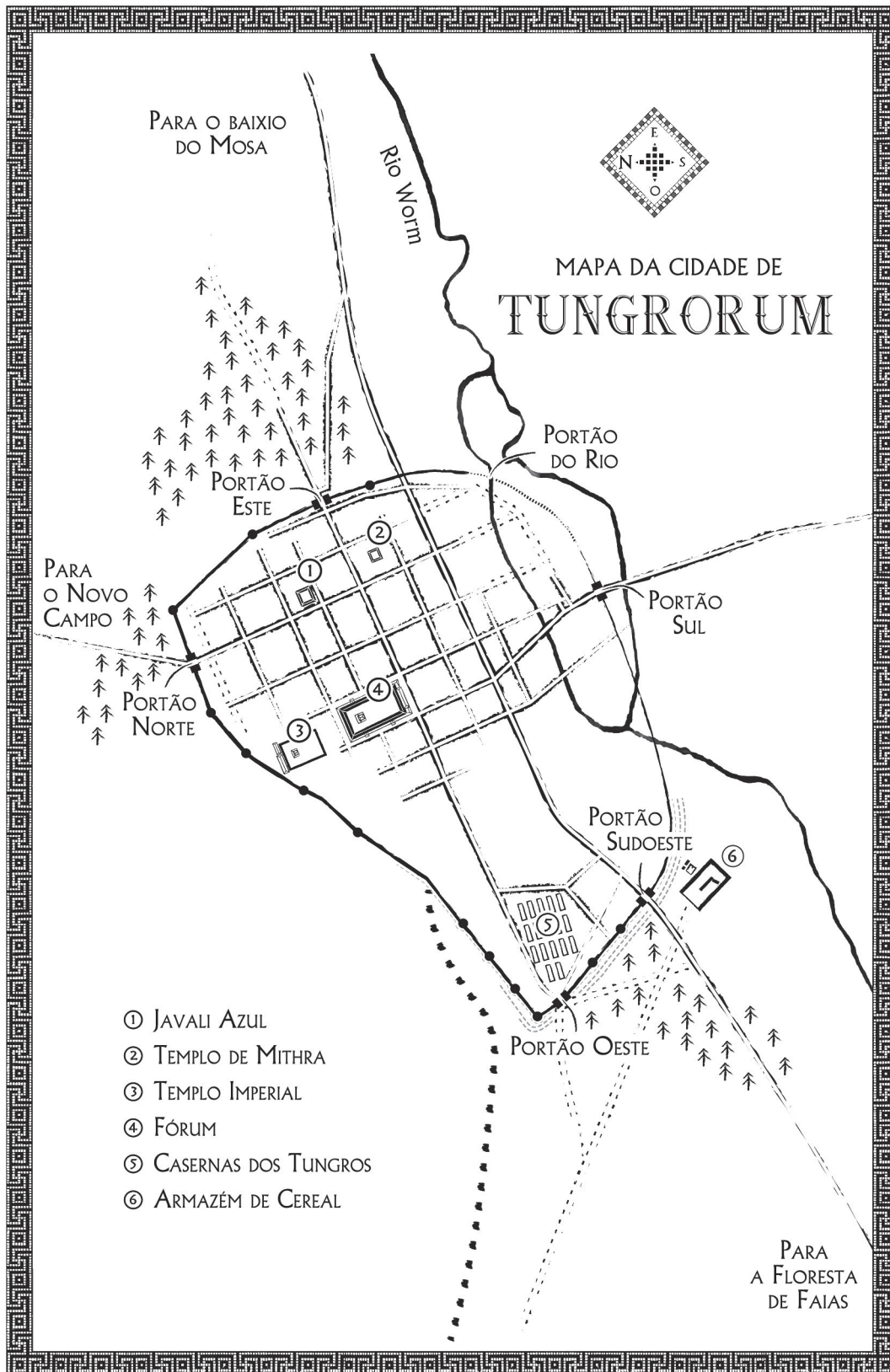
a editora, dominou-se, fingindo estar calma enquanto eu me debatia com os prazos.

Sobre a Hodder & Stoughton, vale a pena referir que continua a ser um prazer trabalhar com a minha casa editora, por isso obrigado a Francine, Nick, Laure, Jaime, James, Ben e a todos os outros, cujo nome sou demasiado desmiolado para ter fixado. Claire Parkinson fez um espantoso trabalho de revisão e salvou-me de vários erros embaraçosos, levando todo esse sangue seco e os dissabores à sua frente. Bom trabalho. John Prigent também leu o manuscrito original e fez mais do que um comentário revelador, como sempre!

Por último, e como sempre, obrigado a todos os outros que desta vez me ajudaram, mas não foram mencionados. Para usar o velho cliché, o problema não são vocês, sou eu. Aqueles que trabalham comigo vos dirão como a minha memória pode ser fraca, por isso, se me esqueci de vós, aqui fica um pedido de desculpas geral. Onde a história bate certo é porque tive uma grande ajuda, e onde não bate a falta é inteiramente obra minha.

**Obrigado.**





## PRÓLOGO

*Germânia Inferior, setembro, 182*

— **M**ALDITA CHUVA! ONTEM CHUVA, HOJE CHUVA, E amanhã chuva muito provavelmente. A porcaria da humidade mete-se em todo o lado. A minha armadura vai estar cheia de ferrugem pela manhã.

— Vais ter de tirar a escova outra vez, ou aquele filho da mãe empenachado vai subir-te pelo cu acima como uma ratazana por um algeroz.

As duas sentinelas trocaram uma careta de mútua aversão pela ideia do trabalho sem fim requerido para manter a malha livre da corrosão que faria desabar a desaprovação do centurião sobre eles. A névoa fria da noite redemoinhava em torno da torre de vigia do pequeno forte, com gotículas singulares a bailar na brisa que gemia suavemente pelos campos em volta do seu posto avançado. A tocha ardente que iluminava a sua secção da muralha do fortim estava envolvida numa bola de radiação brumosa que os envolvia num brilho misterioso, e tornava quase impossível ver mais longe de que uns poucos metros. Protegendo os olhos da luz o melhor que podiam, observaram as secções de terreno livre que lhes tinham sido atribuídos, olhando ocasionalmente de relance para o forte debaixo deles para se assegurarem de que ninguém, fosse bandido ou centurião, tentasse aproximar-se.

— Não me importa tanto ter de polir quanto ter de ouvir o constante fluxo de merda daquele sacana miserável sobre como era muito mais duro nos «velhos tempos»: «Quando os Caucos chegaram vindos do mar, bem, isso é que era lutar a sério, meus rapazes, não que vocês, meninos, fossem capazes de reconhecer uma luta a menos que tivessem uma porção de ferro frio e afiado enterrada na vossa...»

Calou-se e ficou em silêncio, alguma coisa na escuridão na parte inferior das muralhas lhe chamou a atenção.

— O que é isto?

Fixou a penumbra em baixo durante muito tempo, piscando os olhos cansados antes de desviar o olhar e voltar a fixá-lo no lugar onde poderia ter jurado que a escuridão tinha momentaneamente tomado forma.

— Nada. Pensei ter visto alguma coisa mexer-se, mas foi provavelmente uma partida pregado pelo nevoeiro. — Abanando a cabeça, espetou o espigão na ponta da lança nas tábuas da torre de vigia e bocejou largamente. — Odeio esta época do ano; o nevoeiro põe um homem desconfiado das sombras o tempo todo.

O companheiro anuiu com a cabeça, debruçando-se sobre a muralha e olhando para a bruma lá em baixo.

— Eu sei, por vezes imaginam-se coisas... — A voz estrangulou-se-lhe e, após um momento de aparente indecisão, tombou para diante sobre o parapeito e desapareceu de vista. Enquanto a outra sentinela olhava espantada, uma mão agarrou a beira da muralha de madeira, içando uma figura vestida de negro sobre a sua borda e para a plataforma iluminada pela tocha; a outra mão do intruso agarrava uma lança curta, de cuja lâmina escorria o sangue da sentinela morta. As botas do atacante brilharam à luz, e a iluminação bruxuleante reverberou nos pesados espigões de metal que o tinham trazido ao longo da superfície lisa da muralha de madeira. A sentinela avançou, vagamente consciente dos gritos vindos do outro canto do fortim, e ergueu a sua lança para atingir o atacante, mesmo apesar de o outro homem agitar a mão num gesto de rejeição, arremessando uma esguia haste de metal frio que se lhe foi alojar na garganta. Tossindo sangue, cambaleou para trás e, dando um passo em falso, despenhou-se sobre a terra dura três metros abaixo.

Jazendo meio adormecido na sua pequena e airada caserna, o centurião do destacamento ouviu os ruídos inconfundíveis de luta enquanto dormitava sobre a cama e ergueu-se, fazendo a espada deslizar para fora da bainha pendurada na única cadeira do quarto antes de ter despertado por completo. Dando graças à providência que o fizera estender-se sem tirar as botas, baixou o elmo sobre a cabeça e saiu pela porta, gritando uma ordem aos seus homens para se levantarem, sentindo-se terrivelmente mal equipado sem o peso tranquilizador da sua armadura. Uma figura escura dirigiu-se para ele, saída da escuridão à sua direita, e a lança do atacante brilhou à luz da tocha fixada à muralha por detrás do centurião, e, com uma velocidade nascida de duas décadas de prática, oscilou o corpo para deixar que o golpe passasse por ele com um silvo, dando rapidamente um



passo em frente para calcar o gládio profundamente no peito do assaltante desconhecido. Sacudindo o moribundo da lâmina para o deixar estendido a gorgolejar a vida que lhe restava para as ervas húmidas, avançou em direção ao portão do fortim, parando para apanhar um escudo que jazia junto do corpo destroçado de uma das sentinelas da muralha. Uma adaga saía de um buraco sangrento na garganta do morto, e o centurião franziu o cenho à facilidade com que as defesas dos seus homens pareciam ter sido comprometidas.

Quando o centurião avançou cautelosamente ao longo da extensão da muralha, na esperança de distinguir em pormenor o que se estava a passar em redor da entrada do forte, o coração caiu-lhe aos pés. O portão já estava aberto, e uma enxurrada de atacantes estava a passar através dele, de espadas em punho. Refugiando-se nas sombras mais densas da paliçada, observou enquanto eles ultrapassavam o pequeno número de homens que ainda se erguiam em defesa do forte, derrubando-os brutalmente para o lado num breve combate desigual. Tendo já tomado a decisão de se escapular e relatar o desastre ao seu tribuno em Tungrorum, o centurião abanou a cabeça, afastando-se da visão da destruição da sua força mesmo a tempo de avistar uma figura vestida de negro dirigir-se a ele, saída da escuridão, com uma lança curta em riste e pronta a atacar. Afastando violentamente a arma com o escudo, atacou fortemente o rosto do assaltante com a mão da espada, catapultando o outro para trás contra a muralha. A cabeça do intruso embateu na madeira firme com um baque surdo e ele tombou molemente para o chão, de olhos vidrados pela força do golpe. Ajoelhando-se para pressionar a garganta do atacante com a ponta do seu gládio, o centurião sibilou uma pergunta para o rosto atordoadado, a única pergunta que estivera nos lábios de todos os soldados na província desde há meses.

— Obduro? Quem é Obduro?

O homem aturdido ergueu simplesmente os olhos em muda recusa a responder.

— Diz-me o seu maldito nome ou acabo contigo! — O desespero emprestou à ameaça uma letalidade que não deixou à vítima muitas dúvidas sobre a sinceridade da ameaça. Recuperando os sentidos, o intruso caído abanou cuidadosamente a cabeça, de olhos fixados num ponto atrás do vingativo centurião. Falou baixinho, de voz quase perdida na algazarra da luta desigual:

— É superior ao valor da minha vida.

— Está bem, então.

Assentindo lentamente, e endurecendo o rosto com a percepção de que não estavam sós, o centurião ergueu-se e, quando se virou para encarar os homens por detrás dele, empurrou descontraidamente a ponta da espada através da garganta do homem desamparado, pondo uma bota sobre o peito arfante da sua vítima para lhe manter o corpo para baixo enquanto retirava a lâmina com uma feroz torção. Meia dúzia dos atacantes do forte erguiam-se em volta dele num semicírculo, todos eles, exceto um, empunhando lanças na sua direção. O vestuário negro, claramente destinado a proporcionar ocultação na noite sem lua, não deixava qualquer pista em relação a quem poderiam ser, embora mais de um rosto parecesse longinquamente familiar. O sexto homem estava apenas armado com uma espada à cintura, mas o centurião retrocedeu involuntariamente ao ver o elmo da cavalaria romana que lhe escondia por completo as feições. A espessa placa de ferro frontal era estanhada e muito polida, a superfície de espelho apenas interrompida por um par de buracos negros para os olhos e uma fenda entre os finos e cruéis lábios férreos. Refletia uma versão distorcida do centurião quando este levantou o escudo para lutar.

— Querias Obduro? Então, aqui estou eu. E essa foi uma morte desnecessária, Centurião, dado o facto de os teus homens estarem já dispersos e batidos; era um bom homem, um dos meus melhores. *Sabes* que posso fazer-te pagar pesadamente, em tormento prolongado, por esse breve instante de vingança, e ainda assim escolheste pagar esse preço por um fugaz momento de satisfação. Que divertido... — As palavras eram abafadas, ao ponto de dificilmente serem audíveis, pela placa frontal do elmo, e a voz era suficientemente distorcida para ser irreconhecível, apesar dos rumores quanto à identidade de quem o usava, que era matéria da mexeriquice dos soldados através de toda a província. — Esta noite fazemos prisioneiros, Centurião, recrutamos homens para se juntarem a nós nas profundezas da floresta. Ainda poderás viver, se largares a espada e o escudo, puseres um joelho em terra e prometeres fidelidade. Ou poderás morrer aqui, sozinho e sem glória, por mais gloriosa que a tua morte possa ser.

O centurião abanou a cabeça, erguendo a espada pronto para lutar.

— Manda os teus homens contra mim, então, e veremos quantos consigo derrubar até me deterem. — Cuspiu sobre o corpo que esfriava aos seus pés numa tentativa de incitar o homem mascarado a um movimento imprudente. — Vai custar-te mais do que aqui o teu namorado antes de me matarem.

O homem mascarado reagiu abanando a cabeça, depois tirou uma

longa espada da bainha que trazia à cintura em resposta. A superfície da lâmina parecia ondular à luz da tocha, o seu padrão intrincado de riscas escuras e claras dava-lhe uma qualidade sobrenatural.

— Acredito que tenhas razão, Centurião, e não desperdiçarei bons homens sem necessidade. Eu próprio te matarei.

Curvou-se para apanhar um escudo abandonado antes de avançar para enfrentar o centurião, erguendo a espada ornamentada para mostrar a ponta aguçada ao seu oponente. Fitaram-se mutuamente em silêncio por um momento até o soldado encolher os ombros e tomar a ofensiva, investindo para diante e fazendo embater a sua espada no escudo do homem mascarado. Uma, duas vezes, o gládio subiu e desceu, e por um breve momento o centurião acreditou que estava em superioridade quando o outro recuava a cada golpe, utilizando o escudo para absorver a sua força. Levantando a espada de novo, avançou para mais perto, balançando a lâmina com todas as suas forças. Parando o seu retrocesso, o mascarado cruzou o gládio descendente com a sua própria arma. As duas lâminas colidiram com um guincho dilacerante e, com uma breve chuva de faíscas, a espada ornamentada fendeu a lâmina de ferro do gládio, deitando por terra dois terços do seu comprimento num cintilante tombo. O centurião fixou de olhos esbugalhados o coto da lâmina decepada agarrado ao punho da arma destruída. Sem dar qualquer tempo para o soldado em estado de choque recuperar o espírito, o homem mascarado atacou com uma ferocidade impiedosa. Varreu horizontalmente o seu inimigo com a espada aparentemente irresistível, trespassando facilmente o escudo do centurião. As camadas de madeira e linho desfizeram-se como a tampa podre de um barril, deixando o soldado a agarrar a parte inclinada da placa numa mão e o resto inútil da sua espada na outra. Arremessou o punho da espada ao seu oponente, cerrando os punhos com frustração quando ele ressaltou na placa frontal polida com um tinido metálico, depois lançou o que restava do escudo, apenas para ver o outro cindir o despojo voador em dois com um golpe na diagonal. Avançando mais um passo, o mascarado deixou cair o seu escudo e ergueu a espada decorada com as duas mãos.

— E agora, Centurião, podes pagar o preço que referi.

Olhando o seu reflexo na lustrosa peça facial do elmo, o centurião viu a derrota no seu próprio rosto e, enraivecido por essa mesma possibilidade, reuniu forças para investir contra o seu inimigo com um rosnido de ódio. Atacando com uma velocidade e uma resolução que igualava o salto furioso do soldado, o espadachim mascarado fez oscilar a sua espada num breve

arco para perfurar o abdómen do centurião, num golpe mais a sesgo do que para o cortar claramente em dois, torcendo o gume feroz da arma na coluna vertebral do centurião quando o libertou com um sacão. O soldado estripado caiu para o chão num charco de sangue e intestinos, piscando os olhos enquanto o seu cérebro absorvia a escala de destruição que se abatera sobre o seu corpo. Curvando-se como se para falar ao oficial moribundo, o espadachim limpou a sua lâmina numa prega da túnica do outro, depois fez deslizar a espada na bainha. Ergueu a peça facial do elmo para permitir que o ar frio da noite lhe refrescasse o rosto. Baixando os olhos para o soldado a morrer, sorriu tristemente, fazendo um aceno respeitoso com a cabeça.

— Bom trabalho, amigo. Morreste como um homem. E agora estás a caminho de conheceres os teus deuses, assim que te dermos a moeda com a qual possas pagar a travessia. Na realidade, claro, dado o local onde estás, apenas encontrarás Arduenna. E, acredita em mim, Centurião, ela é uma cabra rancorosa e vingativa.

Virou-se e verificou que a sua perna estava tolhida por um forte aperto. O centurião moribundo utilizava a sua derradeira energia para prender uma mão trémula em volta do seu tornozelo.

— *Tu...?*

Desceu o olhar sobre a luz que desaparecia dos olhos do moribundo.

— Sim. *Eu*. Provoca sempre algum choque, não é verdade? — Libertou a perna com um puxão e observou sem expressão os últimos vestígios de vida abandonarem o corpo do centurião, depois cerrou a peça facial sobre as suas feições. — Levem o corpo para o portão. Quero que o maior número possível de pessoas se junte à nossa causa e encoraje os seus camaradas na cidade a fazerem o mesmo, e tê-lo exposto para ser examinado deve ser o único encorajamento de que precisam.



*Germânia Inferior, março, 183*

— **P**ODE SER A TUA TERRA NATAL, JULIUS, MAS ACHO QUE É um buraco de merda. — O jovem centurião de robusta compleição aconchegou a sua grossa capa de lã ao corpo, fazendo uma careta à névoa fria que os rodeava por todos os lados. O nevoeiro, que lhe abafava a voz e reduzia a visibilidade para uns meros cinquenta metros, dava a impressão de que o pequeno grupo estava a ser envolto por densas paredes cinzentas. — O tempo não é melhor aqui do que na Britannia, a comida é pior do que na Britannia, e a cerveja não passa de mijo.

Um dos outros dois oficiais que marchavam a seu lado sacudiu água da sua pesada barba negra e bufou, encolhendo-se quando esse movimento permitiu que um fio de água lhe corresse pelas costas.

— A última vez que estive neste sítio, Dubnus, foi quando tinha quinze anos. As minhas recordações de Tungrorum são tão vagas que duvido ser sequer capaz de a reconhecer quando lá chegarmos. Se alguma vez a encontrarmos nesta maldita escuridão.

Um dos três bárbaros que vinham atrás deles bufou com um descontentamento muito dele.

— Um idiota qualquer disse-me que fomos enviados para a Germânia. Sempre que vomitei as tripas durante a travessia do mar, e depois quando tiritámos naquelas casernas geladas e infestadas de piolhos ao longo do inverno, consolei-me dizendo que em breve estaria perto da terra do meu povo, a terra dos Quadi. Uma terra de florestas e rios, cheia de caça e vigiada pelos deuses do meu pai. Em vez disso... — ergueu as mãos para abranger a terra suavemente ondulada dos dois lados da estrada reta como o trajeto de uma flecha — ... dou por mim a arrastar-me interminavelmente

por terras de cultivo povoadas apenas por bandos de escravos indiferentes e envolta em vapor. Isto *não* é a Germânia; esta maldita província é apenas um campo imenso.

O centurião que marchava à esquerda de Dubnus virou-se para trás para encarar o bárbaro e marchou às arrecuas, mostrando um sorriso no seu rosto angular de falcão.

— A verdade, Arminius, é que acertaste em cheio. Esta parte da Germânia Inferior é exatamente como a Gallia Belgica, a sul; foi quase completamente voltada para a cultura do milho. Bons solos, pelo menos foi isso que o meu velho tutor me disse. Se não fosse esta província, e as terras cultivadas para sul, não haveria legiões estacionadas no rio Rhenus para manter as tribos germânicas sob ameaça, porque não haveria cereais com que as alimentar.

O bárbaro abanou a cabeça com incredulidade.

— Só *tu*, Marcus Valerius Aquila, só tu poderias pegar num queixume e transformá-lo numa lição sobre o funcionamento do Império.

Julius continuou a marchar, mas o seu tom, quando falou, era perentório.

— Mantém-te fiel ao nome que ele agora usa, Arminius, isso ou chama-lhe «Duas Facas» como os soldados. Deixa o seu passado ficar onde está, porque se o remexes muito, isso apenas servirá para o despertar cheio de mau humor e dar-nos ainda mais sofrimento. O nosso irmão é Marcus Tribulus Corvus, e é esse nome que usaremos, quer possamos ser ouvidos ou não. Sabes tão bem como eu qual seria a punição se fosse descoberto que abrigávamos um fugitivo imperial, na Britannia, na Germânia ou em qualquer outra parte do império que quiseres nomear.

Um outro bárbaro do trio deu uma risada sombria, piscando o seu único olho bom perante o assunto da discussão. Com o ferimento que lhe destruíra o outro olho, agora sarado, tinha dispensado qualquer tentativa de ocultar a recente e rosada cicatriz furiosa que lhe dividia o cenho em duas partes distintas. A própria órbita estava vazia, uma lembrança permanente da vingança sobre os opressores da sua tribo.

— Aye, especialmente um fugitivo com sangue tão aristocrático.

— E quem o diz é o único membro da realeza aqui presente, hein, *Príncipe* Martos?

O homem com um só olho abanou vivamente a cabeça face à troça de Dubnus.

— Perdia a minha posição tribal quando virei as costas a Dinpaladyr e

marchei para sul contigo, tal como tu fizeste quanto te afastaste do teu povo para te tornares parte do mundo civilizado. Além disso, a minha tribo não precisa da minha presença, não com uma guarnição romana colocada a vigiar a Fortaleza de Lanças por quanto tempo seja necessário para o meu sobrinho estar pronto para reinar sem o seu auxílio. Tenho mais utilidade a ajudar-te a manter este aqui — inclinou a cabeça na direção de Marcus — longe dos olhares públicos. — Fechando um enorme punho e observando com um sorriso a correspondente contração do forte músculo do braço, disparou ao igualmente musculado romano um sorriso de esguelha. — Como se alguém se atrevesse a olhá-lo duas vezes quando um guerreiro zarolho com a compleição de um balneário da legião estiver por aqui junto dele.

O terceiro bárbaro, excedendo os outros dois em altura por uma cabeça bem medida, e com um martelo de guerra com espigões de ferro pendurado de través sobre um ombro sólido como um bloco de pedra, riu-se silenciosamente com divertimento, tão silenciosamente que poderia ter passado despercebido. O príncipe virou a cabeça para centrar o seu olho bom no homem maior, de cenho enrugado ao disparar uma pergunta na língua que as duas tribos compartilhavam.

— Qual é o teu problema, Lugos?

Martos ainda não aceitara inteiramente o gigante como membro da centúria de reconhecimento informal da coorte, formada pelo remanescente dos guerreiros votadini depois de terem sido derrotados pelos romanos no ano anterior. A sua captura fora uma consequência da traição do enorme rei da tribo, o líder da tribo Selgovae, e a visão de Martos do grandalhão permanecia inconfundivelmente reticente, mas Lugos era suficientemente esperto para dar tempo ao líder votadini.

— Não há problema nenhum, Príncipe Martos. Eu simplesmente escutei e, ao fazê-lo, aprendi.

Martos olhou-o fixamente, mas a expressão inocente do gigante arrefeceu-lhe o génio antes de este ter oportunidade de ferver. Esperando até o príncipe desistir do seu escrutínio feroz, Lugos deu uma rápida piscadela de olho a Marcus. O romano ergueu o sobrolho em resposta e virou-se para o caminho em frente, captando um olhar conspiratório de Dubnus quando o seu amigo retomou as suas tentativas de provocar Julius.

— Quanto achas que falta para chegar à cidade, Julius?

O homem mais velho lançou-lhe um enviesado olhar de incredulidade.

— Cinco minutos menos do que a última vez que perguntaste, diria

eu. Mas porquê, precisas de esvaziar a bexiga, ou é esse ferimento de lança que te está a incomodar novamente? Devias ter pensado nisso antes de nós... — interrompeu-se, e pôs uma mão no punho da espada, apontando para o chão dificilmente visível para a direita da estrada. — Estás a ver aquilo?

Por entre a névoa, no ponto em que a distância tornava qualquer movimento quase impossível de distinguir, alguma coisa se elevava da lama que os rodeava. Enquanto observavam, uma outra figura se ergueu do chão, perto da primeira, uma figura humana abundantemente coberta de lama. Dubnus abanou a cabeça, fixando com toda a atenção as aparições, depois apontou para o meio do nevoeiro do outro lado da estrada.

— Há mais!

Enquanto os romanos se perfilavam a olhar, mais de uma dezena de figuras não identificáveis se puseram de pé em volta deles, parecendo erguer-se diretamente do chão para a névoa escura como espectros. Lugos quebrou o encanto, adiantando-se com o martelo agarrado pelas duas mãos, que a força tornava brancas nas articulações, vociferando uma única palavra ardentemente colérica:

— *Bandidos!*

Os romanos entreolharam-se e sacaram as suas espadas, e Marcus desembainhou uma comprida espada de cavalaria, junto da coxa direita, para juntar ao gládio, mais curto, que já empunhava na mão direita. O pomo com forma de cabeça de águia de ouro e prata do gládio cintilou debilmente na pálida luz do nevoeiro. Dubnus puxou um machete do cinto, lançando-o ao ar e apanhando-o na base do cabo, pronto para o deixar voar. Observaram em silêncio enquanto as figuras se aproximavam, gradualmente tomando forma sólida à medida que fechavam um círculo em redor do grupo perplexo. Olhando em volta de si, Marcus viu que eram realmente homens; as suas roupas eram velhas e sujas, mas cada um deles transportava uma espada ou uma lança, cujas lâminas pareciam bem cuidadas.

— Chega, a menos que queiram descobrir como é sentir a ponta da minha espada a enterrar-se entre as vossas costelas!

O avanço gradual parou perante o desafio de Julius e um único homem se adiantou ao círculo formado em redor deles. O que Marcus tinha tomado por feições petrificadas pela determinação tomou a forma de um férreo e liso contorno de um elmo de cavalaria, e quando o homem falou a sua voz era distorcida por uma máscara facial muito justa.

— Somos em número três vezes superior. Baixem as vossas armas e



entreguem o vosso dinheiro, e ninguém se magoa. Tentem dar-nos luta e nós abater-vos-emos como gado.

Julius avançou, fazendo deslizar novamente o gládio na bainha e lançando a mão a uma bolsa pendurada no cinto.

— Têm razão; há uma forma melhor de resolver isto.

Marcus e Dubnus trocaram olhares cúmplices, e por trás deles Lugos rosou baixinho, mal se contendo para se lançar para o meio dos bandidos sozinho. O centurião ergueu as mãos e um clarão prateado reluziu por entre os remoinhos de névoa, e o bandido mascarado descontraíu-se ligeiramente, levantando a mão aberta para refrear os seus camaradas de roubo. O rosto de Julius endureceu, fixando-se num sorriso de predador quando o outro se aproximou.

— Não, realmente não há necessidade de nenhum de *nós* se magoar. Tu, por outro lado, deverias fugir. *Agora*. — Levou uma mão ao rosto, pon-do um luzidio apito nos lábios enquanto o chefe dos bandidos fez uma expressão ameaçadora e ergueu a sua espada para lutar.

— Não? Eu avisei-te...

Após emitir uma única nota estridente, deixou cair o apito e desembainhou a sua adaga, avançando para atacar o bandido mascarado com a arma numa posição baixa. O assaltante balanceou a sua espada num desajeitado golpe na diagonal que se destinava à junção da cabeça com o pescoço do romano, mas Julius rodou para a direita, baixando-se sob o golpe, tirando o seu peso do pé direito e lançando-se ao bandido, levando-o ao chão e fazendo-o largar o punho da espada. Enterrou os trinta centímetros de lâmina da adaga no antebraço esquerdo do bandido e depois, quando o outro gritou com a dor do ferimento, baixou a cabeça, calcando uma funda mossa na peça facial de ferro do elmo de cavalaria. Libertando-se do corpo inerte do bandido, levantou-se com um salto e voltou a embainhar o gládio, virando-se para o bandido mais próximo com um largo sorriso.

Incapaz de se conter por mais tempo, Lugos tinha já saído da estrada para enfrentar dois dos ladrões, erguendo o martelo pronto para o deixar cair sobre a cabeça do homem mais próximo, mas, depois, mudando o ataque no último minuto, varreu-lhes as pernas com a pesada ponta aguçada da arma. Um dos dois caiu por terra, estropiado e agonizante, forçando o outro a saltar bruscamente para trás. Desequilibrado pelo movimento repentino, o salteador tropeçou e caiu ao comprido para trás, de braços abertos. O bárbaro enorme içou o martelo sobre a sua cabeça, oscilando a feroz lâmina curva num arco sibilante e enterrando-a profundamente no peito

do homem caído com um ruído nauseante de ossos esmagados. Quando Martos e Arminius avançaram, postando-se de ambos os lados dele, o germânico rapidamente liquidando o bandido derrubado pelo seu primeiro golpe, o gigantesco bretão pôs um pé sobre o estômago do moribundo e soltou a lâmina do martelo numa dispersão de fragmentos de costelas, e os seus olhos esquadrinharam a névoa à procura da vítima seguinte.

Marcus e Dubnus moveram-se com rapidez para se juntarem a Julius enquanto ele avançava para o grosso dos bandidos, e Dubnus arremessou o machete num arco rodopiante que acabou num baque húmido e triturante do ferro a esmagar carne e osso antes de iludir um golpe de lança de outro homem. Agarrou bem a longa haste da arma para desequilibrar o atacante e, depois, desembainhando o gládio, enfiou a sua lâmina profundamente na coxa do lanceiro. Torcendo a arma para a soltar, numa chuva de sangue, arrancou a lança ao frouxo aperto da sua vítima, fê-la dar meia-volta sobre a cabeça para a virar e apresentar a lâmina e depois investiu para diante, arremessando a lança para trespassar outro dos bandidos que se aproximavam deles. Marcus ficou com um par de espadachins, fazendo uma finta na direção do primeiro para o fazer recuar antes de rodopiar e atacar o outro de frente. Desviou a espada do salteador com o gládio, depois desferiu a *spatha* mais longa, que segurava na outra mão, na lateral do corpo indefeso do bandido. O oponente teve uma convulsão agónica quando o ferro frio lhe penetrou o corpo, tombando pesadamente para o chão quando o romano girou para trás para enfrentar o outro homem, com a *spatha* ensanguentada apontada ao peito do salteador, que retrocedeu lentamente. Os bandidos entreolhavam-se agora num espanto silencioso, ainda não desejosos de fugir da sua pretendida presa, mas receosos de dar luta, dado o facto de muitos deles estarem mortos ou feridos.

Por um momento, o silêncio reinou no campo aberto, excetuando um som rítmico e distante, tão longínquo como se estivesse no limite do audível, mas rapidamente crescendo em volume, um murmúrio metálico que pulsava através do nevoeiro como o ranger de um milhão de minúsculos dentes. O sorriso de Julius abriu-se ainda mais, estendendo as mãos e rodando sobre si para os abranger todos ao falar.

— Estão a ouvir isto? Isto, meus amigos, é o som da vossa morte que se precipita na vossa direção! Diria que restam vinte batimentos do coração, trinta no máximo, antes que um enorme monstro de armadura saia desta névoa e vos desfaça em pedaços. Fugam agora ou façam as pazes com os vossos deuses.

Interrompeu-se, pondo teatralmente a mão em concha junto da orelha. O som agora avolumava-se, mais duro, e o seu ritmo distinto começava a desintegrar-se num único e incessante ruído matraquear. Marcus observou atentamente os salteadores imundos e exaustos à sua volta, vendo refletir-se no rosto de cada um a mesma urgência de fugir, que todos sentiam. Com um sobressalto visível, um dos salteadores percebeu o que estava a acontecer; virou-se para fugir mesmo quando os primeiros soldados saíram da névoa ao ritmo de marcha forçada, de cabeça para trás para inspirar avidamente o ar húmido. Marcus reconheceu o centurião que corria ao lado da coluna com a largura de quatro homens como Clodius, no preciso momento que o seu colega ergueu a espada que trazia empunhada e gritou uma ordem aos seus homens:

— Terceira Centúria, acabem com eles!

Os bandidos dispersaram em todas as direções, e os centuriões olharam, estupefactos, as fileiras ordenadas da coluna desagregarem-se num caos organizado no espaço de um instante, e os soldados escolherem individualmente as suas vítimas, perseguindo-as como cães de caça. Cada um dos homens em desespero se viu subitamente perseguido por meia dúzia de soldados ávidos de sangue, e a névoa encheu-se com os brados e os gritos dos caçadores e dos caçados. Um soldado zeloso correu para os três batedores bárbaros de espada erguida, tomando-os por salteadores no calor da batalha. Um momento depois, retrocedia a cambalear, agarrado à cara, quando Arminius, de semblante carregado de fúria, avançou para o deter de uma vez com um golpe rápido do seu punho maciço. O infeliz tungro caiu de costas com sangue a escorrer-lhe pelo rosto.

— Isso foi excessivo!

O germânico abanou a cabeça com desprezo, gesticulando para os seus companheiros.

— E de quem é a culpa? Diz a ti próprio como tens sorte por ter sido eu e nenhum destes dois a fazer-te entender. O príncipe ter-te-ia esventrado como um peixe, e ali o grandalhão ter-te-ia tirado a cabeça com um soco igual ao meu. Agora vai sangrar para outro sítio qualquer.

Clodius foi ao encontro dos seus irmãos oficiais de sobrolho erguido, tirando ao mesmo tempo o elmo e o forro de linho almofadado e deixando que o ar frio penetrasse os seus cabelos com manchas grisalhas. Observou os seus homens arrastarem os corpos das vítimas através dos campos enlameados.

— Deveria ter imaginado que vocês os três iriam encontrar algum género de sarilho.

Dubnus limpou a sua espada no pano oleoso da túnica de um dos mortos e embainhou a lâmina antes de responder:

— Foi ele que nos encontrou.

Clodius grunhiu taciturnamente.

— Nada de novo. Como está o teu ferimento, jovem Dubnus? Ainda tens problemas quando te ajoelhas para fazer um... — Captando um movimento pelo canto do olho, deu meia-volta e vociferou uma ordem: — Terceira Centúria, em sentido!

O Tribuno Scaurus introduziu-se no grupo de centuriões seguido de perto pelo Primeiro Lanceiro Sextus Frontinius, retribuindo as saudações ao mesmo tempo que os seus olhos cinzentos, ilusoriamente suaves, interiorizavam a cena em redor.

— Eu sei que estamos aqui para matar bandidos, meus senhores, mas dado que ainda nem chegámos a Tungrorum, tudo isto parece um pouco forte, mesmo pelos vossos padrões. — Olhou à sua volta para a desordem de corpos dispersos e os poucos sobreviventes gemebundos da rápida luta. — E isto, tenho de dizer, parece ser isso. Normalmente, seria da opinião que, uma vez que os matámos, o melhor seria queimá-los ou enterrá-los, mas nestas circunstâncias... — Virou-se para Frontinius com uma expressão de interrogação. — O que dizes, Primeiro Lanceiro?

O centurião mais velho coxeou até ao corpo caído do chefe dos salteadores, puxando-lhe o elmo de cavalaria da cabeça para revelar o rosto esmagado do morto; o sangue que lhe fluíra do nariz partido evidenciava-se contra o cinza esbranquiçado da sua pele.

— Eu diria que ele não encontrou este elmo na berma da estrada. Diria que provavelmente matou suficientes homens bons para que a sua morte contente os nossos deuses. E diria que o deixemos aqui a apodrecer com o resto do bando.

Scaurus franziu os lábios e assentiu.

— De acordo. Tirem-lhes as armas e alguma coisa mais que tenha valor, e carreguem os sobreviventes para as carroças das provisões. Imagino que as autoridades de Tungrorum ficarão felizes por receber uns quantos bandidos capturados para uma punição pública — Deu meia-volta para se afastar, depois voltou-se de novo para Frontinius com um rápido aceno de cabeça. — E por hoje chega estes cavalheiros andarem à frente da coorte. Não me importo de perder oficiais em batalha desde que vendam cara a vida, mas, dado que já temos falta de bons centuriões, não arriscarei piorar os nossos problemas ao desafiar o destino desta forma.

O 1.º lanceiro anuiu, lançando um olhar significativo aos três oficiais.

— E o que lhe aconteceu a ele?

Um paramédico estava atarefado a tratar do nariz do soldado a quem Arminius partira o nariz. O Germânico destacou-se, acenando a Scaurus.

— Parecia determinado a trespassar-me com a lança, por isso tive de ser eu a fazê-lo mudar de opinião.

O tribuno ergueu um sobrolho ao seu guarda-costas.

— Parece ter feito um trabalho bom de mais, pelo que estou a ver.

— Deu uma palmada no ombro do infeliz enfermeiro, provocando uma confusa saudação de dedos ensanguentados.

— Ou voltas a pôr isso no lugar agora ou podes tratar dele no final do dia. Não temos tempo para ficar aqui especados na névoa enquanto resolves isso.

O portador de ligaduras abriu as mãos húmidas e ensanguentadas num gesto de desculpa.

— Lamento, Tribuno, não consigo apanhar o osso.

Arminius empurrou-o para o lado sem cerimónia, pondo uma mão no ombro do soldado aterrado para o impedir de se levantar.

— Fica quieto. Isto demora menos de um minuto. — Agarrou o nariz do soldado, friccionando-o vivamente entre o indicador e o polegar para calcular a localização da fratura. Enquanto o soldado ainda estava a gritar de dor pelo rude tratamento, o germânico agarrou-lhe numa porção de cabelo para lhe manter a cabeça quieta e rapidamente manipulou o osso, voltando a pô-lo no lugar. Lançando um grito estridente, o soldado perdeu os sentidos, ficando suspenso pelos cabelos que o germânico lhe repuxara. Abanando a cabeça, Arminius empurrou-o para os braços do paramédico. — Está feito. Ficaré com os olhos negros durante cerca de uma semana. Poderá ensiná-lo a escolher os alvos com um pouco mais de cuidado.

O Primeiro Lanceiro Frontinius acenou a cabeça ao seu tribuno, com um sorriso irónico a aflorar-lhe os lábios.

— Parece que o teu homem tem jeito para consertar ossos partidos, Tribuno. Talvez a mulher do Centurião Corvus fizesse bem em recrutá-lo para a sua clínica...

Scaurus abanou a cabeça, observando o germânico a afastar-se.

— Não me parece. Escasseiam-lhe os dons para a abordagem delicada exigida a um homem de medicina. Foi sempre assim desde que o salvei da espada durante a guerra com os Quadi, e não estou a ver que vá mudar agora. — Virou-se para olhar a estrada à sua frente, ainda envolta por cortinas

flutuantes de névoa. — Bem, vamos pôr estas coortes de volta na estrada? Calculo que ainda temos mais quinze quilómetros até à cidade, e esta maldita humidade não nos dará tréguas até lá chegarmos.

Quando as centúrias da frente voltaram a formar na coluna de marcha, Marcus reparou que Julius esquadrinhava o solo em redor do cadáver do líder do grupo de salteadores.

— Perdeste alguma coisa?

O amigo assentiu, sem tirar os olhos do chão.

— O meu apito. E era bem bom.

Olhando à sua volta, Marcus captou o olhar de Dubnus e viu que este apontava ostensivamente para a bolsa que trazia presa ao cinto e exibia um sorriso presunçoso. Desistindo da busca, Julius virou-se de novo para os colegas, descobrindo Dubnus aparentemente a passar revista ao solo junto dos seus pés com interesse exagerado.

— Dava-me jeito um bom apito; o som do meu parece um gato castrado.

O soldado mais velho abanou a cabeça com desgosto enquanto a 3.<sup>a</sup> Centúria, posta na frente da longa coluna de marcha formada por duas coortes, se punha de novo em movimento, obedecendo ao brado de comando de Clodius.

— Muito engraçadinho, Dubnus. Suponho que este é o preço que tenho de pagar por ser o primeiro a saltar para a luta. Como de costume.

Partiu resolutamente para se juntar à sua 5.<sup>a</sup> Centúria, deixando os dois amigos à espera que os seus homens passassem na marcha.

— Por quanto tempo vais ficar com isso?

Dubnus encolheu os ombros à pergunta de Marcus.

— Até que ele compre um novo? Volto a pô-lo à sorrelfa na bolsa dele assim que tenha gasto algum dinheiro para o substituir. — Franziu o cenho perante a súbita solenidade do amigo. — *O que é?* Não é a mesma coisa que ter-lhe roubado a bolsa!

Marcus abanou a cabeça.

— Não, sou eu. Estava a pensar como Rufius iria achar isto divertido.

Dubnus pousou a mão, que era como uma pá, sobre o ombro couraçado do amigo.

— Eu sei. Eu sinto a falta do velho sacana quase tanto como tu, mas a vida, como Morban continua a dizer a quem quer que o ouça, é para aqueles que ficaram aproveitarem. E agora aí vêm os teus rapazes. Vai e anima Qadir com a história do apito do teu colega. Sabes que ele fica sempre de

mau humor quando está demasiada humidade para os seus rapazes brincarem com os arcos.

APÓS MAIS QUATRO HORAS DE MARCHA, TODA ELA AO LONGO DE UMA TARDE em que os redemoinhos de névoa anteciparam a hora do crepúsculo, até mesmo Marcus estava pronto para que o dia de viagem terminasse. Marchando ao lado do seu escolhido, Qadir, à retaguarda da centúria, ele notou que a habitualmente imperturbável atitude do hamateu se tornava mais sombria à medida que o dia avançava.

— Vou até lá à frente para me certificar de que Morban não inferniza o corneteiro demasiado.

O hamateu resmungou em resposta, de olhos fixados na paisagem triste que as cortinas cinzentas de névoa flutuante revelavam de forma intermitente.

Acorrendo à cabeça da centúria, o romano encontrou o seu porta-estandarte, um veterano como vinte e cinco anos de serviço famoso tanto pelo seu humor ácido como pelo seu apetite prodigioso pelo jogo, a bebida e as prostitutas, com uma disposição reflexiva sobre o assunto da infelicidade do colega de ambos.

— Tentei animá-lo quando parámos para almoçar com algumas piadas, mas ele não achou graça nenhuma. Talvez esteja a começar a perceber o que ele e os camaradas desperdiçaram quando decidiram não ficar com a coorte dos hamateus na Muralha. Carregando cerca de metade do seu peso em ferro não deve ter muita graça quando estão mais habituados a cirandar pela floresta, sem quase nada em cima e a matar de vez em quando algum animal para a panela. — Ignorando o olhar glacial do centurião, ele continuou: — E agora aí está ele, cheio de frio, com água a pingar do nariz e o arco escondido durante dias a fio com medo de que a cola apodreça. Não admira que o pobre diabo se sinta miserável. Não é como nós, nós estamos habituados a isto. — Marcus olhava fixamente para o meio da névoa, abanando ligeiramente a cabeça com a compreensão de que a visão de Morban sobre o que poderia estar a afetar a disposição de Qadir se poderia facilmente aplicar à sua própria situação. — De qualquer modo, vamos ficar enfiados nas casernas deste novo sítio muito em breve, com uns quantos madeiros no fogão e todas estas coisas desagradáveis para trás. Se o nosso querido Qadir não aguenta uma piada, então talvez não devesse ter...

A expressão do sentimento do porta-estandarte foi interrompida por

um grito de um ponto mais à frente na coluna, que imediatamente estacou com uma sucessão de ordens vociferadas por cada centurião ao longo da coluna da coorte. Ouvindo a centúria diante da sua própria ser mandada parar, Marcus gritou uma ordem idêntica aos seus homens, depois vociferou uma ordem concisa a Qadir para que vigiasse as fileiras e fosse para a frente ver o que se passava. Ele passou por trás da centúria dianteira e a razão da inesperada paragem tornou-se clara: uma muralha de pedra com seis metros de altura surgia do meio da névoa. Um grupo de centuriões confusos estava reunido em torno de um par de portões de madeira maciça colocados num imponente arco de pedra que impedia a passagem das coortes para o interior da cidade. O primeiro lanceiro rodava o pescoço para chamar um par de soldados que, por sua vez, espiavam por entre a névoa com cara de caso.

— Abram só os malditos portões e mais tarde trataremos da burocracia. Tenho duas coortes inteiras de soldados que estão lentamente a ficar com os tomates congelados aqui fora, e quero-os em casernas antes do anoitecer.

Julius, que se perfilava por trás do centurião mais velho com um sorriso sombrio na cara escura e barbada, abanou a cabeça para Marcus.

— Isto não vai acabar bem. Aqueles são soldados da legião, se não estou enganado, e sempre que os cantoneiros bate-estradas estão envolvidos normalmente a coisa dá para o torto.

Um outro soldado apareceu nas muralhas, este com o elmo emplumado de um escolhido da legião. Falou com os guardas um momento, depois inclinou-se e falou para os auxiliares reunidos em baixo.

— Lamento, Centurião. Tenho ordens estritas para não abrir os portões sem autorização do meu oficial. Mandei um dos meus homens à procura dele, mas até ele chegar não há forma de o deixar entrar.

Abriu os braços para transmitir a sua impotência na situação, e depois desapareceu de vista, deixando o primeiro lanceiro exasperado com fúria.

— Aquilo que eu vi era uma armadura segmentada antes daquele homem se ter ido esconder da ira de um primeiro lanceiro enfurecido?

Os centuriões viraram-se para deparar com o Tribuno Scaurus de pé, atrás deles, com uma expressão de interrogação no rosto. Frontinius assentiu sombriamente, de rosto enrugado de raiva.

— Sim, Tribuno. Quer-me parecer que os regulares chegaram cá antes de nós.

Scaurus olhou para os turbilhões de névoa por um momento.



— E suponho que, se deixarmos isto tomar o seu curso natural, os homens poderiam ficar por aqui durante algum tempo.

Frontinius assentiu de novo e a sua expressão de fúria foi-se transformando num olhar de perplexidade dirigido ao seu superior. O tribuno fez-lhe um aceno com a cabeça, aclarou a garganta e gritou para o cimo da muralha aparentemente deserta:

— *Escolhido!* Mostra-te!

Após um longo silêncio, o escolhido olhou novamente sobre a muralha, espantando-se quando viu o tribuno a olhar para ele. Scaurus levantou a capa, mostrando ao outro a placa de bronze da sua armadura finamente trabalhada, moldada de forma a parecer um torso musculado. — Olha bem, Escolhido! Verás que não sou um centurião, mas sim o comandante destas coortes, e não sem influência, nem sem o entendimento sobre como as coisas funcionam. Pergunto-me que legião poderia ser esta com a qual estou a falar... Ou «básicos» ou «escriturários», suponho. Qual delas é, Escolhido?

O homem pôs-se em sentido.

— Primeira Minervia, Fiel e Leal, Tribuno!

Scaurus sorriu, murmurando baixinho para si próprio:

— *Apanhei-te.* — Levantou os olhos para o escolhido demoradamente antes de voltar a falar. — Os «básicos», então. Primeira Minervia, Fiel e Leal. Um nome orgulhoso para uma legião orgulhosa. Diz-me, Escolhido, aquele velho sacana com má cara, Gladio, ainda é o Primeiro Lanceiro da Terceira Coorte?

O escolhido lançou um olhar de esguelha para baixo, perguntando-se claramente quanta influência poderia ter aquele desconhecido entre os seus próprios oficiais. A sua resposta foi cuidadosamente medida para evitar dar azo a qualquer potencial ofensa.

— Sim senhor. Continua tão animado como sempre foi.

Estimando que o momento de atacar tinha chegado, Scaurus levantou a voz para o volume de um berro de fúria.

— Bem, se eu não passar por estes malditos portões antes de ter contado até trinta, em breve vais descobrir que tenho um carácter bastante menos sorridente do que o dele, e muito mais vingativo! Entendes? — O escolhido assentiu, com uma expressão de infelicidade. — Ótimo. Então vamos lá andar com isto para a frente, está bem? Ou tenho mesmo de começar a contar e envergonhar-nos a ambos?

Após uns segundos de silêncio, o escolhido virou-se e desapareceu, e pouco depois o postigo do portão, do tamanho de um homem,

escancarou-se. Disparando um olhar ao seu primeiro lanceiro, Scaurus avançou.

— Eu vou e resolvo isto antes que as coortes morram congeladas.

Frontinius apontou para o grupo de centuriões, fazendo-lhes sinal com o polegar para se moverem para diante.

— Centuriões Julius, Dubnus e Corvus, podem prover o tribuno com uma escolta. Não há como saber que espécie de pessoa está no comando por detrás das muralhas, dado que se trata de uma legião.

Os homens de guarda ao portão quiseram fechar a porta do tamanho de um homem quando Scaurus passou por ela, mas Julius, com um firme encontrão, manteve-a aberta, enquanto o seu olhar feroz os dissuadia de qualquer ideia de objetarem quanto à presença da escolta do tribuno. O tungro enorme olhou em volta com um lábio esticado antes de se dirigir ao escolhido.

— Se os vossos soldados de brincar deveriam supostamente manter a cidade segura, não estão a fazer grande trabalho. Temos vários homens feridos nas carroças ali fora, e são tudo o que resta de um bando de salteadores que nos tentaram emboscar na estrada. Poderão querer pô-los sob cuidados médicos antes que morram de frio e neguem ao povo desta cidade a oportunidade de os ver ser executados. — Abanando a cabeça, afastou-se, fitando tristemente a névoa que envolvia o terreno no interior da muralha da cidade; era tão impenetrável como tinha sido do lado de fora. — Agora, qual é o caminho para o edifício do quartel-general?

O escolhido acenou aos seus homens para voltarem para o calor da casa da guarda antes de apontar para o fundo da estrada que continuava desde o portão até ao escuro interior da cidade.

— Por este caminho, Centurião. Mas não procure um quartel-general. Isto é uma povoação civil, não um forte. Vá por ele uns quatrocentos metros, mais ou menos, e chegará a um cruzamento. O edifício grande à direita é o fórum, e calculo que encontrará lá os oficiais, na basílica.

Os três centuriões formaram um cordão de proteção em redor de Scaurus quando o grupo começou a caminhar para diante. Dubnus pôs uma mão no punho da espada, murmurando nervosamente enquanto olhava para o meio do nevoeiro:

— Quatrocentos metros até ao centro da cidade? Isso faria deste um lugar maior do que a fortaleza da Sexta Legião no Lugar dos Teixos. É...

— Enorme? — Um suave sorriso exibiu-se no rosto de Scaurus enquanto olhava com interesse para os edifícios que assomavam do nevoeiro

de ambos os lados da estrada. — Isto é um centro provincial, Centurião. Há talvez umas oito ou dez mil pessoas no interior destas muralhas, ou pelo menos deve ter havido antes de a peste chegar. Há pelo menos cem vezes mais em Roma, e ainda assim as muralhas de Roma são apenas três vezes maiores. O que faz com que perguntemos o que fazem eles com todo este espaço.

Na obscuridade diante deles, um par de tochas a arder indicava a entrada para o fórum, com duas sentinelas de guarda defronte da grande arcada. Antes de o tribuno ter qualquer hipótese de explicar a sua presença aos soldados surpresos, um centurião da legião saiu do pátio para lá deles, detendo-se com um sobressalto de surpresa quando viu os recém-chegados. Fitando de olhos semicerrados as armaduras pouco familiares e os elmos empenachados dos três centuriões, ficou ainda mais abalado quando percebeu a quem eles serviam de escolta. Scaurus permitiu que o silêncio imperasse durante alguns segundos, observando o cálculo que transparecia no rosto do oficial da legião antes de falar num tom azedo, destinado a comunicar o seu estatuto:

— Sim, Centurião, isto é o uniforme de um oficial superior, e sim, Centurião, já deveria estar nesta altura a erguer a sua mão no ar.

O outro fez rapidamente uma saudação, corando de embaraço, enquanto as sentinelas se esforçavam bastante, mas sem grande sucesso, para expulsarem os sorrisos do rosto.

— Peço desculpa, Perfeito, é que não estávamos à espera de receber quaisquer reforços.

Marcus olhou para Julius, perguntando-se se o colega ia corrigir a identificação errada feita pelo legionário, mas o seu olhar interrogativo teve como única resposta um ligeiro abanar de cabeça do gigante. Scaurus acenou com a cabeça ao centurião, olhando por sobre o seu ombro para o edifício administrativo, vagamente visível, do outro lado do pátio aberto do fórum.

— Isso é perfeitamente compreensível, Centurião, porque não somos reforços. Se me conduzires ao teu tribuno...?

O centurião levou-os através da grande área pavimentada do fórum, em volta da qual, com tempo melhor, os mercadores da cidade se haveriam de reunir para apregoar as suas mercadorias, para o interior tépido da basílica. Percebendo que estava em desvantagem, fez um esforço tardio para reconquistar alguma sensação de domínio subjacente à relação entre uma legião e as suas coortes auxiliares de apoio.

— E agora, meus senhores, se vos posso pedir para deixarem as vossas armas aqui antes de continuarem para a vossa entrevista com o tribuno...

Scaurus interrompeu-o num tom cortante, olhando em volta no átrio de entrada para os valiosos objetos suspensos da parede e o complexo mosaico de Mercúrio que se estendia pelo chão.

— Não, Centurião, não pode. Não tenho tempo nem paciência, neste momento.

Passou pelo oficial atónito e atravessou o átrio com as suas botas cardadas a baterem rijamente na superfície delicada do mosaico, e, após um segundo de hesitação, os seus centuriões seguiram-no num retinir de ferros. Dubnus piscou o olho ao desgostoso centurião legionário, e murmurou pelo canto da boca:

— Está grato por não ficares a segurar-lhe na capa como um porteiro fardado.

Abrindo com um empurrão as portas na outra ponta do átrio, os tungros entraram numa câmara de teto alto dominada por uma mesa enorme, em volta da qual estavam sentados vários homens envergando as impecáveis túnicas brancas dos oficiais da legião e dois civis vestidos de toga. Olharam com curiosidade para os inesperados visitantes, e o mais novo de entre eles levantou-se com uma expressão de aborrecimento no rosto, tocando levemente a faixa senatorial que ornamentava a sua túnica. Os centuriões tungros puseram-se em sentido numa viva saudação, enquanto Scaurus se atarefava a desapertar o alfinete da capa, atirando a grossa veste de lã para uma cadeira e deixando a descoberto o seu peitoral finamente trabalhado. O jovem tribuno passou os olhos pela malha da armadura dos centuriões e apertou ligeiramente os lábios em reação à sua imediata avaliação dos recém-chegados.

— Presumo que são auxiliares? — disse ele. Scaurus fez um brevíssimo gesto de assentimento e retribuiu o olhar firme. — O que faria de si um prefeito. E eu tenho tendência para insistir nos pontos mais subtis da etiqueta militar, Prefeito. Tal como a expectativa de que até mesmo os oficiais devem saudar os seus superiores.

A voz do jovem tribuno era bastante razoável, mas falou de um modo que indicava que crescera habituado mais a ser ouvido do que a ouvir. Aos olhos experientes de Marcus, ele pareceu o modelo de oficial legionário superior, um homem nos seus vinte e tais com o cabelo comprido em moda, a barba densa e farfalhuda em imitação da moda imperial, mas ainda assim brilhante e cuidadosamente aparada. Os olhos, endurecidos pelo desafio ao

oficial desconhecido que se erguia diante dele, estavam implantados próximos por cima de um clássico nariz romano, ao longo do qual ele olhava com uma expressão de paciência dolorosamente posta à prova. Scaurus olhou-o nos olhos por um momento, remexendo dentro da sua sacola e tirando de lá um rolo. Quando falou, a sua voz era seca e sem qualquer vestígio de reconhecimento da declarada posição superior do outro:

— Concordo plenamente, *colega*. Ainda há poucas semanas, disse exatamente a mesma coisa a um jovem tribuno da legião da classe senatorial, quando aconteceu ele ficar sob o meu comando, e antes de ele morrer nobremente em batalha, a meu lado. — Olhando os oficiais legionários, Marcus notou os variados arregalar de olhos e suspensões da respiração, sinais de homens que ouviam o inesperado. Scaurus abanou ligeiramente a cabeça, segurando folgadoamente o rolo numa mão. — No entanto, não acredita em esclarecer os factos antes de abrir a boca, pois não, colega?

O outro empalideceu, mas, quando abriu a boca para voltar a falar, Scaurus rodeou a mesa e ficou frente a frente com ele, os seus olhos cinzentos subitamente duros como pedras, e a sua voz pouco mais do que um murmúrio que obrigou o outro a ouvir com atenção para distinguir as palavras.

— Este é aquele interessante momento, Tribuno, aquele momento definidor da vida, que todos encontramos quando menos esperamos, aquele momento de verdade em que o buraco se abre diante de nós e apenas temos de dar um passo em frente para ficarmos enterrados nele até ao pescoço. Tem algumas perguntas que me queira fazer antes de passarmos ao velho concurso para ver qual de nós tem uma piça maior? Alguma dúvida quanto a qual de nós poderá acabar por levantar a mão no que respeita ao fim desta conversa?

O tribuno da legião abanou a cabeça, claramente contendo a sua raiva por um fio.

— Sou Lucius Domitius Belleter, Tribuno Militar no comando da Sétima Coorte da Legião Imperial Primeira Minervia, destacado em missão de salvaguarda da cidade de Tungrorum. Tenho ordens do *legatus* da minha legião para comandar os serviços de todas e quaisquer forças aptas que se coloquem sob a minha alçada. Isto significa você e os seus homens, Prefeito. — Ergueu um sobrolho a Scaurus, que, aguentando o seu olhar, replicou num tom mais elevado do que o anterior, garantindo que todos os homens em volta da mesa o poderiam ouvir.

— Muito bem. Eu sou o Tribuno Militar Gaius Rutilius Scaurus, no

comando da Primeira e Segunda Coortes dos Tungros, destacado em missão do exército da Britannia para procurar e eliminar bandidos, desertores e rebeldes da província da Germânia Inferior. Tenho ordens do governador da Britannia para não permitir que a minha força caia sob a alçada de qualquer outro oficial, a menos que eu considere que isso seja de interesse para a prossecução das minhas ordens. Talvez ele previsse uma eventualidade como esta. — Belleto abriu a boca para falar, mas Scaurus ergueu uma mão. — Vejo que ainda não te convenci, e não vejo qualquer vantagem em discutir este assunto em público. Talvez devêssemos pedir aos nossos colegas e a estes outros cavalheiros para nos deixarem a sós por alguns minutos?

Belleto assentiu lentamente e virou-se para os centuriões da legião, que estavam, todos eles, boquiabertos num silenciosa estupefação perante o drama que se desenrolava diante dos seus olhos.

— Saiam.

Os oficiais levantaram-se e dirigiram-se para a porta através da qual os tungros tinham entrado, seguidos, após uma pausa embaraçosa, pelos dois civis. Julius, o último a deixar a sala, fechou as pesadas portas de carvalho e, avistando uma cortina grossa destinada a aumentar a privacidade da sala, correu-a sobre eles.

— Suponho que és o homem mais velho aqui...

Virou-se para encarar quem falou, um homem grisalho de ombros largos e mãos grandes, o rosto fendido por uma grande cicatriz que descia desde o sobrolho direito até à parte superior da bochecha, dividindo-lhe os lábios e alcançando a ponta do queixo. Julius preparou-se para a expectável torrente de insultos, e tanto Dubnus como Marcus alteraram ligeiramente a postura, assumindo inconscientemente uma posição de prontidão para lutar. O homem que falara ergueu os sobrolhos e levantou as mãos para prevenir qualquer discussão, embora não tivesse, notou Marcus, voltado com o repto atrás.

— Não, não há necessidade de te sentires ameaçado. Aqui estamos todos do mesmo lado. Sou Sergius, Primeiro Lanceiro da Sétima Coorte. — Estendeu a mão e Julius apertou-lha sem hesitação. — Seja o que for que esteja a acontecer ali, provavelmente tem de ser dito entre os dois e depois esquecido, por isso é melhor que estejamos longe para não ouvir, não é verdade?

Julius fez um aceno com a cabeça, dando por si a começar a sentir-se próximo do outro apesar da expectativa frustrada de hostilidade.

— Sou Julius, Centurião, Primeira Coorte Auxiliar dos Tungros, e estes